

SOLIDÃO E HOMOEROTISMO NOS ROMANCES “BOM-CRIOULO” E “HISTÓRIA DE AMIR”: UMA PERSPECTIVA NEGRA

Davi Pereira Gomes¹
Walace Rodrigues²

Resumo

Este texto busca analisar obras que discursivizam sobre homens negros gays e os consequentes desarranjos sociais a que são submetidos, tais como: erotização, violência física, psicológica e solidão. Para tanto, vamos analisar duas obras literárias a saber: “Bom-Crioulo” (1895), de Adolfo Caminha, obra realista-naturalista, e “História de Amir” (2021), de Paulo Sérgio Moraes. Tais obras serão analisadas na perspectiva das várias interseccionalidades apresentadas e dos conflitos que esses preconceitos originam na vida social, principalmente no viés afetivo. Desse modo, esse trabalho se configura como qualitativo e de cunho bibliográfico. Teórico-metodologicamente mobilizaremos autores como bell hooks (2022), JJBola (2020), Fanon (2008) dentre outros. Os resultados revelam que ainda há muito a se perceber no viés narrativo das relações afetivas de homens gays negros na literatura para que suas vozes ocupem lugares de fala e representativa no campo literário.

Palavras-chave: Homem negro gay. Homofobia e transfobia. Solidão afetiva.

Palavras-chave: Homem negro gay. Homofobia e transfobia. Solidão afetiva.

SOLITUDE AND HOMOEROTICISM IN THE NOVELS “BOM-CRIOULO” AND “HISTÓRIA DE AMIR”: A BLACK PERSPECTIVE

Abstract

This text seeks to analyze works that discuss gay black men and the consequent social disorders to which they are subjected, such as: eroticization, physical and psychological violence and loneliness. To this end, we will analyze two literary works, namely: “Bom-Crioulo” (1895), by Adolfo Caminha, and “História de Amir” (2021), by Paulo Sérgio Moraes. These works will be demonstrated from the perspective of the various intersectionalities presented and the conflicts that these prejudices originate in social

¹ Doutorando da Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: dvgomessuft@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4862-0834>

² Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos), professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Instituto de Letras; docente permanente da Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); Investigador colaborador do Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Mídia, do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL/LIACOM), Portugal. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203> E-mail: walace_rodrigues@id.uff.br

life, mainly on the affective via. Therefore, this work is a qualitative and bibliographic one. Theoretically-methodologically we will mobilize authors such as Pierre Bourdieu (2024), JJBola (2020), Fanon (2008). The results reveal that there is still a lot to be understood in the narrative aspect of the affective relationships of black gay men in literature.

Keywords: Gay black man. Homophobia and transphobia. Affective loneliness.

1 Introdução

[...] em uma sociedade na qual os homens são esmagadoramente violentos com outros, um homem amando outro é um ato radical e progressista. (JJBola, 2020, p. 117)

Principiamos esse texto com uma epígrafe que remete ao objetivo deste trabalho, uma vez que, em uma sociedade repleta de preconceitos, racismos e sexismos, escrever sobre as relações de afeto entre pessoas do mesmo sexo é um ato extremamente revolucionário e necessário para romper com os estereótipos em um mundo que sempre subalternizou, omitiu e desvalorizou essa literatura.

Nesse sentido, este artigo nasce a partir de nossas discussões teóricas na disciplina intitulada “Seminário em Leitura do Texto Literário”, ofertada no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Literatura (PPGLLit), da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, na cidade de Araguaína/TO.

Nosso objetivo, neste artigo, é compreender como o viés narrativo que vem discursivizando sobre a temática de homens gays negros no aspecto afetivo tem contribuído para que personagens gays ganhem visibilidade e destaque nas narrativas. Essas narrativas contemporâneas nascem, em muitos casos, das “escrevivências” de alguns autores. Lembremos aqui que o termo “escrevivências” foi cunhado pela escritora e mulher negra Conceição Evaristo (2017) para reverberar uma nova fase de escritas que nascem a partir de vivências ou experiências na comunidade de alguns grupos, neste caso: o do homem gay negro.

Regina Dalcastagnè (2008) alude que a literatura contemporânea tem contribuído para que as novas narrativas que tematizam conflitos sociais, desarranjos afetivos, sexismos, dentre outros pontos socialmente conflituosos, ganhem visibilidade e que, assim, todos os sujeitos possam ter seu lugar de fala e de representatividade.

Como metodologia, vamos analisar duas obras literárias que trazem em seu escopo a temática das relações homoafetivas e a erotização de gays negros em épocas

diferentes, mas que os enredos se cruzam quando a homoafetividade é questão central na literatura.

A primeira é uma obra naturalista, “Bom-crioulo”, do escritor Adolfo Caminha, obra que foi marco na narrativa homoafetiva, pois retrata assuntos proibidos para a época de sua publicação, em 1895. Tal obra mostra um ambiente de confinamento de homens, que é a Marinha, e seus desdobramentos nas relações afetivas entre eles, principalmente aquela entre Aleixo e Amaro. A segunda obra é do escritor contemporâneo Paulo Sérgio Morais, “História de Amir”, de 2021. Essa é uma obra que retrata situações de racismo, homofobia, transfobia e perdas de laços afetivos. Ambas as narrativas se cruzam no aspecto de perdas de laços afetivos e reverberam as questões de racismos, masculinidades e preconceitos.

Vale informar que utilizamos, para este artigo, uma pesquisa teórica, qualitativa e de cunho bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para pensar os diferentes lugares sociais que os gays negros ocupam no viés narrativo literário. Alguns autores que utilizamos para subsidiar nossa discussão neste trabalho foram: Regina Dalcastagné (2008); Frantz Fanon (2008); bell hooks (2022), dentre outros.

2. HOMENS NEGROS E SEXUALIDADE: MASCULINIDADES DESMASCARADAS

Em uma sociedade permeada de preconceitos, racismos e concepções definidas e estereotipadas sobre masculinidades, pensar dentro da comunidade negra e junto com ela, lutar por um pouco de dignidade é tarefa diária de todos que se comprometem com a justiça, a igualdade e a equidade nas questões sociais.

Em relação aos homens negros, em situações reais e ficcionais, eles sempre foram alvo de subalternização e de exclusão no discurso narrativo e nas práticas sociais. O homem negro aparece nas páginas de ficção da literatura brasileira quando é convocado a assumir o lugar de escravizado, subalternizado, marginal e erotizado pela classe branca e dominante. E essa última é quem define o que entra ou não nos cânones literários, pois são as pessoas brancas que estão nas universidades, são elas que podem comprar livros, que detêm o poder da seleção e da produção dos livros, entre outros aspectos de poder dentro do campo literário.

Estão imbricadas, nessa classificação de livros que devem ou não ser publicados, questões raciais, étnicas e de gênero, que reclamam os espaços que não foram ocupados de forma coerente no viés literário pelas obras com temática gay e negra. Florentina Souza (2008) assinala que:

Na literatura brasileira, as representações, mais que as discussões, envolvendo gênero e raça são frequentes. Vários escritores, desde o século XIX, desempenham perfis de personagens índias, mestiças e negras ou brancas nos quais **gênero, fenotípica e sexualidade aparecem imbricados – uma imbricação que o determinismo cientificista levará às últimas consequências.** (Souza, 2008, p. 107, grifo nosso)

Desse modo, torna-se necessário que, no viés literário, as discussões raciais, étnicas e de gênero sejam elencadas, uma vez que ainda temos homens e mulheres negras invisibilizados na literatura do tempo presente. Quando negros compõem o texto literário, eles estão categoricamente na contramão, criando sempre pelo lado “incógnito” das cenas narrativas. No caso das mulheres negras, Souza (2008) observa que:

As mulheres, todas e majoritariamente as negras, são definidas como representando papel secundário, restrito ao espaço doméstico (desprestigiado pela tradição patriarcal), sem considerar a importância e as possibilidades de intervenção do espaço doméstico e privado em decisões do espaço público. (Souza, 2008, p. 107)

A mulher negra sempre foi estereotipada, em nossa sociedade, como sendo a “mulata gostosa”, a “negra fogosa” e com funções determinadas para servir sexualmente aos homens (e seus antigos senhores escravistas). No caso dos homens negros, a situação não é muito diferente, uma vez que a sociedade o concebe com uma hipersexualidade latente, como bell hooks (2022) alude:

Sem dúvida, a sexualidade é o espaço no qual muitos homens negros têm perdido a posição de autoridade. Independentemente de classe, status, renda ou nível educacional, para muitos homens negros a sexualidade continua sendo assombrosa pelo fantasma do comportamento disfuncional. Isso se deve, em parte, a convergência do raciocínio machista sobre o corpo negro, que sempre projetou nele uma hipersexualidade. (hooks, 2022, p. 137)

Nesse contexto de hipersexualização, os homens negros, submetidos a uma dominação branca, agarram-se a essa fantasia sexual para manterem-se em uma sociedade misógina que os aloca no campo quase que da pornografia (o corpo negro

como objeto de prazer sexual “por natureza”). Essa construção estereotipada toma folego nos anos 1970 nos Estados Unidos, baseada em um contexto patriarcal, onde o negro era visto como predador sexual, como demonstração de poder e controle. Sobre esse processo de hipersexualização do homem negro, hooks (2022) salienta que:

O discurso público sobre a sexualidade masculina negra floresceu nos anos 1960 e no início dos anos 1970 e logo tornou-se o espaço para homens negros se gabarem abertamente de serem mais competentes no sexo do que os homens brancos; para se orgulharem de que, enquanto homens brancos poderiam dominá-los em outras esferas de poder, quando se tratava de sexualidade o domínio era dos negros. E os homens negros que falavam sobre sexo abertamente se gabavam sempre e somente da conquista e da penetração. (hooks, 2022, p. 147)

Para o homem negro que vivia em um sistema de racismo e com muitos reflexos do patriarcado, sexo era uma espécie de poder e dominação. O negro já tinha uma estereotipificação vinda da escravidão e ligada à violência e à cultura do estupro, o que implica que a imagem da mulher sobre o negro era de virilidade, potência sexual e violência. Lembremos que esta é uma imagem construída e, até certo ponto, animalizadora (Rodrigues, 2014; 2024).

Compreendemos que essa espécie de compulsividade obsessiva pelo ato sexual dos negros era mera necessidade de mascarar preconceitos e enfrentamento da falta de relacionamentos afetivos significativos, o que se vendia da imagem do homem potência, pornográfico e sexualizado, quando, na verdade, esse mesmo homem negro não estava tão bem consigo mesmo e o ato de violência (ou virilidade insaciável) era uma maneira de vingar-se dos homens brancos dominantes, transando com suas mulheres brancas e sendo sexualmente “superiores” na cama. Para bell hooks (2022):

Na iconografia da sexualidade masculina negra, a foda compulsiva obsessiva é representada como uma forma de poder, mas, na realidade, é uma indicação de extrema impotência. Embora os mitos sexuais projetem a imagem do homem negro como “ladrão de mulher”, um herói erótico que leva a vida de prazer eterno, por trás da máscara permanece a realidade do sofrimento. “Ele não consegue ter satisfação”. Essa falta de satisfação é terreno fértil para a raiva, e a raiva é o contexto de violência sexual. (hooks, 2022, p. 144)

Esse parâmetro serve como termômetro para pensarmos o contexto de masculinidades que são construídas na sociedade patriarcais em relação à virilidade dos rapazes na juventude, o que implica uma série de traumas e cicatrizes para alguns. Nas instituições formalizadoras também há muitos reflexos dessa masculinidade que é construída pelo viés social. JJBola (2020, p. 113) assevera que “E dura verdade é

exatamente essa: várias instituições de ensino privado, escolas independentes, internatos e universidades são criadouros de comportamentos masculinos tóxicos, incluindo culturas misóginas.”

Nesse contexto de opressão, alguns homens negros gays não se enquadram quanto a se tornarem “homens de verdade”, expressão essa utilizada por muito tempo nas iniciações sexuais, quando se submetiam jovens em atividade sexual forçada com mulheres para se afirmarem como homens. Isso era uma espécie de rito de passagem, pois o “sexo é oferecido como um rito de iniciação que o introduz na masculinidade” (hooks, 2022, p. 148).

Os que não se enquadram nesse contexto de masculinidade “tóxica” são relegados ao isolamento e ao escárnio de uma vida solitária. Muitos homens negros gays são hipersexualizados dentro e fora da sua comunidade, uma vez que o homem preto no mundo gay também é submetido ao racismo e à exclusão. Alguns se submetem ao submundo da pornografia e da estereotipificação para não se verem excluídos do meio social, para serem vistos como predadores sexuais entre seus pares, reforçando um estereótipo patriarcal e masculino de poder.

JJBola (2020) fala-nos sobre os tipos “desviantes” desta masculinidade dominante:

Os gays são muitas vezes vistos como fracos, um desvio das masculinidades. Ao mesmo tempo, também não é dado aos homens o direito a fluidez sexual. Em outras palavras, no que diz a sexualidade masculina, ou você é hétero ou você é não hétero (gay), e os homens não normativos ou bissexuais são com frequência apagados do espectro da sexualidade masculina. (JJBola, 2020, p. 116)

Desse modo, os homens negros e não normativos seguem um padrão de apagamento tanto no meio social quanto no campo ficcional literário, pois encontram apenas duas opções para se superarem socialmente, e as vezes até entre seus pares, que são: primeira, filiarem-se a uma linha de hipersexualização que reverbera o patriarcado como uma máquina sexual predatória e estereotipada, os tais “machos” e “ativos”; e a segunda opção é lutar contra o sistema de opressão que perdura na sociedade e dentro da própria comunidade gay, desmistificando as masculinidades e normalizando o amor entre homens como uma forma válida e genuína de afetividade.

3. HOMENS NEGROS GAYS: O AMOR É POSSÍVEL?

A temática do amor nas comunidades gays remete sempre a algo inatingível do ponto de vista da existência de relacionamentos saudáveis e duradouros no meio homoafetivo. No contexto dos homens negros gays, as situações se tornam mais complexas devido ao preconceito e ao racismo aos quais os homens negros são submetidos. Em muitos casos, eles precisam se alinhar a certos estereótipos para poderem ser aceitos e assim terem um relacionamento afetivo “não-tóxico”.

No contexto social vigente, a hipersexualização não soa mais como algo positivo no sentido predatório, ou seja, ter muitas relações afetivas ou sexo-afetivas com vários parceiros. Isso faz com que os gays negros acreditem ser possível amar e serem amados. Oliveira (2022) contextualiza a temática ao afirmar que:

Homens e meninos negros dos mais diversos contextos sociais econômicos vivenciam a hipersexualização dos seus corpos e isso resulta em uma “pseudo autoestima” ou armadilhas de relacionamentos que exotificam os corpos, violências contra homens que acabam sendo naturalizadas como “elogios”. Essa hipersexualização dos corpos negros fazem com que o homem negro sintam-se incapaz de ser amado. (Oliveira, 2022, p. 14)

Nesse contexto, a literatura contemporânea trata sobre esses temas e eles têm se tornado mais frequentes e ganhado visibilidade. Isso para tentar conter, no campo ficcional, um pouco desse isolamento e solidão que sofre o homem negro na constituição de seus laços afetivos. Esse traço do homem negro hipersexualizado na literatura canônica é retratado no livro “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha, de 1895, livro que trouxe muitas polêmicas à época de sua publicação, pois foi a primeira obra do realismo-naturalismo brasileiro que trazia a temática de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Na referida obra, podemos observar o relacionamento entre Amaro (o Bom-Crioulo) homem negro, taciturno e marinheiro de longa data, e Aleixo, um rapazola de 15 anos, vindo de uma família de pescadores e que encontrou na Marinha uma maneira de mudar de status social.

Sobre as características físicas de Amaro, podemos ver a descrição narrativa de Caminha:

[...] um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cofre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era Amaro, gajeiro da proa – o Bom-Crioulo na gíria de bordo. (Caminha, 2013, p. 22)

Já Aleixo, rapazola branco, de 15 anos e de beleza estonteante, que deixava Amaro desestruturado, a ponto de se tornar seu protegido entre os marinheiros. Amaro e Aleixo mantiveram uma relação sexo-afetiva quente que os levou a morar juntos na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, em um comodozinho alugado. A paixão de Amaro era tão estonteante que passava horas e dias pensando em Aleixo, como podemos acompanhar no trecho a seguir:

Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã. (Caminha, 2013, p. 33)

A paixão de Amaro por Aleixo o cegou. Amaro deixou-se levar por Aleixo, que viu em Amaro a oportunidade de conquistar uma vida tranquila em uma instalação em terra firme no Rio de Janeiro. Aleixo agarrou-se a essa oportunidade, servindo a seu protetor com trocas sexuais. Aleixo, ao ouvir as promessas de Amaro, logo pegara-se pensando como seria sua vida na cidade do Rio, onde iria residir:

O rapazinho mordida distraidamente a ponta do lenço de chita azul escuro com pintinhas brancas, ouvindo as promessas do outro, sonhando uma vida cor-de-rosa lá nesse Rio de Janeiro tão falado, onde havia uma grande montanha chamada Pão de Açúcar e onde o imperador tinha o seu palácio, um casarão bonito com paredes de ouro. (Caminha, 2013, p. 41)

Ao se instalarem no comodozinho de D. Carolina, na Rua da Misericórdia, amiga de longa data de Bom-Crioulo, o jovem casal vivia em plena tranquilidade uma vida sexualmente ativa, o que deixava Aleixo um tanto desconfortável, pois nunca gostara da maneira que Amaro o tratava, já que Amaro tinha um apetite sexual exacerbado. A descrição a seguir retrata bem os sentimentos de Aleixo:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher à toa” propondo quantas extravagâncias lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, nuzinho em pelo: queria ver o corpo. (Caminha, 2013, p. 61)

Aleixo achava que os modos como Amaro o tratava eram desnecessários e isso o incomodava, a ponto de, quando o Bom-Crioulo viajava, ele se sentida livre para fazer o que quisesse, inclusive fazer queixas a D. Carolina sobre as atitudes de seu homem.

Depois de instalados no comodozinho, na primeira noite, Amaro só queria fazer de Aleixo um objeto de prazer sexual. Lembremos da sexualização exacerbada do homem negro gay, o que ocorre na cena a seguir, comparando Amaro a um “touro”:

- Veja logo..., murmurou o pequeno, firmando-se nos pés. Bom-Crioulo ficou estático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmito no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... faltava-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher! Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero! ...
Dentro do negro rugiam desejos de **touro ao pressentir a fêmea...** Todo ele vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual como um fetiche diante de um símbolo de ouro ou como um artista diante de uma obra-prima. Ignorante, grosseiro, sentia-se, contudo, abalado até os nervos maus recônditos, até as profundezas de seu duplo ser moral e físico, dominado por um quase respeito cego pelo grumete que tinha proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude. (Caminha, 2013, p. 62-63, grifo nosso)

Nesse trecho é possível ver como a voz narrativa vai animalizando Amaro, criando uma espécie de violência em suas atitudes e desejos, pois sua vontade insaciável de desejo sexual vai zoomorfixando o negro (touro) e seu parceiro (fêmea) com desejos desenfreados e associando os modos e atitudes sexuais desses a um ato de agressão e violência.

Vale ressaltar que essa admiração de Amaro por Aleixo pode se dar pelos sentimentos de inferioridade ou de se sentir menor em relação à beleza física do jovem branco, embora fosse um negro forte, alto e corpulento, de força nervosa, sentia-se dominado pela posse do grumete e por ser o homem da relação (o “macho”, o dominador), pois era o único que penetrava. Nas palavras de Bourdieu (2024):

A penetração, sobretudo quando exerce sobre um homem, é uma afirmação da *libido dominandi* que jamais está de todo ausente na libido masculina. Sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”, em um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminilizando” o outro) [...] (Bourdieu, 2024, p. 42)

Essa exacerbação afetiva, sentimento de dominação e de controle, deriva do medo do não acolhimento, de ver no outro o que não vê em si próprio e do fetiche social sobre a

pele branca como carne “superior”. Fanon (2008, p. 59) alude que “No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável”.

No entanto, a alegria de Bom-Crioulo não durou muito, pois, como em todo relacionamento abusivo, Aleixo, que já não gostava da maneira de ser tratado pelo negro, muito menos do seu toque sexual, começou a traí-lo com a dona da pensão, D. Carolina, que logo tratou de seduzir o jovem mancebo toda vez que Amaro viajava. Aleixo deixou-se seduzir pelas palavras de D. Carolina, que depreciava a imagem de Amaro, fazendo com que Aleixo nutrisse ainda mais raiva e repugnância por Amaro.

Para a dona da pensão, que nutria sentimentos homofóbicos, Aleixo deveria ser salvo daquela “pederastia” e ela seria o canal que faria essa mudança na vida do jovem rapaz. Nas palavras de D. Carolina:

Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... Muitas vezes o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade. Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos: ele e ela. (Caminha, 2013, p. 98)

Aleixo, seduzido pela dona da pensão que lhe oferecia prazeres sexuais heteronormativos, mudara sua fisionomia, vivendo os deleites do prazer e recebendo os cuidados de sua amada:

Estava forte, gordo, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa vivia dele; amava-o, adorava-o! (Caminha, 2013, p. 107)

Aleixo ia nutrindo ódio por Amaro, dia a dia mais, a ponto de o esquecer definitivamente e cair nas graças da, agora, sua companheira. Não lembrava nem um só dia de quem o estalara no comodozinho e pagava suas contas, pois receava encontrar Amaro:

Receava encontrar o Bom-Crioulo, ter de suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com seus ímpetos de **touro**, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele **animal com formas de homem**, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele,

compadecia-se, porque afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara! (Caminha, 2013, p. 93, grifos nossos)

Agora se considerava hétero e viveria com a mulher que o salvara da pederastia. Quanto a Amaro, esse adoeceu em uma de suas viagens e ficou meses internado em um hospital, sem visitas, sem família, mas nutria, noite e dia, saudades de seu amado. No entanto, Amaro, em um dia de fúria, conseguiu fugir do hospital e ver o que havia acontecido com o jovem que não o procurava, mesmo ele tendo mandado cartas para que Aleixo soubesse de seu estado e o visitasse, cartas essas que D. Carolina nunca deixou que chegassem às mãos de Aleixo.

Ao saber da nova fase de Aleixo, Amaro se sentiu duplamente traído por D. Carolina, que se dizia sua amiga, e por seu amado. O “touro” nutriu-se de fúria, doente fisicamente e agora psicologicamente, resultou confrontar o grumete e tirar-lhe a vida, pois não suportaria vê-lo com outro, e assim o fez, como podemos observar na cena que se segue:

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometia às vezes; garganteou um – oh! Rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua.

– Vê lá se me conheces, anda! Olha bem para esta cara!

O efebo debatia-se, pálido, aterrado:

– Me largue! Não me provoque, senão eu grito!

– Anda por aí, grita, se és capaz! Grita, safado, sem vergonha... mal agradecido!

(...)

– não te largo, não, coisinha ruim não te largo, não! Bom-Crioulo, este que aqui está, não é o que tu pensas...

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muitos rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado. (Caminha, 2013, p. 131-132)

O negro feriu o jovem Aleixo com golpes no pescoço, abatendo-o no mesmo estante, ouve muito alvoroço, todos em volta do jovem ferido, e nenhum apoio a Amaro, que ficou ali parado, estático e sozinho, se sentido o pior dos seres humanos pela atitude que tomara. Ninguém se compadeceu do negro, nem os policiais que ali chegaram, todos estavam de atenção redobrada para o grumete: “Ninguém se importava com o ‘outro’, com o negro, que ia rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém todos queriam ‘ver o cadáver’, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...” (Caminha, 2013, p. 133). Nessa cena que fecha

o enredo, é possível observar que o amor entre Amaro e Aleixo não passou de um relacionamento abusivo, de ambas as partes, não sendo socialmente aceito e beirando a “animalidade”. A solidão afetiva do homem negro gay fica perceptível no recorte, pois ele seguiu “triste e desolado”, dentro de uma relação afetiva fadada ao fracasso social, à não aceitação, ao desprezo, à animalização.

Amaro queria muito a Aleixo, mas pelo prazer sexual que o erotizava, tanto a beleza de um homem branco, que ele amou a ponto de cometer crimes e enfrentar preconceitos entre seus pares (marinheiros), quanto por Aleixo que viu em Amaro a oportunidade de ter uma casa, algum dinheiro e um possível *status* social na sociedade carioca, mas que, no final, se sentia explorado sexualmente. Essa sensação de impotência do Bom-Crioulo parece vigente na sociedade e segue até os dias atuais, uma vez que homens negros se veem presos à beleza estereotípica de homens brancos e, com medo da solidão, acabam naturalizando sofrimentos e suprimindo desejos inconfessáveis.

A segunda obra que compõe nossa análise é “História de Amir”, do escritor paulistano Paulo Sérgio Moraes. Nela nos deparamos com uma novela que reverbera interseccionalidades de raça, gênero e classe. Nessa narrativa encontramos o jovem Amir, morador da favela de Paraisópolis, estudante de Direito e técnico de segurança do trabalho na Construtora Florenzi, uma das mais conceituadas de São Paulo.

Amir tinha uma vida simples, mas nutria ódios existenciais pelas injustiças que sofrem os jovens negros e favelados nas cidades grandes. Ele perdera o irmão, quando tinha apenas 13 anos de idade, em uma operação na favela, quando seu irmão foi alvejado com um tiro na cabeça, confundido com um bandido. Após o incidente, ficou comprovado que o jovem era apenas um pedreiro que nada tinha a ver com o episódio criminoso. Deste então, Amir sentia algo que não sabia definir bem, se ódio, raiva ou impotência, como podemos observar nas palavras do personagem:

Um ódio que eu não chamava de ódio, mas o sentia no gosto de água salgada em meu rosto e na constante ânsia de vômito sem nem ao menos ter comido nada. Raiva, sabe? Do meu pai que não me via como homem, do meu irmão que havia me deixado sem respostas e, sobretudo, raiva do policial que atirou primeiro para só depois descobrir que aquele pedreiro honesto não era um bandido, era apenas um homem preto. (Moraes, 2021, p. 7)

Amir, sobre ser gay, sentia-se invisível diante da sociedade, pois se observava objetificado pelas pessoas que observavam primeiro o volume em suas calças:

Eram assim os meus dias. Eles se alternavam entre situações similares e as situações opostas, onde eu me tornava apenas um objeto, observado por olhares que se fixavam ao volume em minhas calças. Estes buscavam qualquer confirmação sobre vantagens que suas imaginações pressupunham. E havia ainda aqueles dias em que eu simplesmente parecia não existir. Acredito que estes dias eram os mais recorrentes – os piores, talvez... (Morais, 2021, p. 9)

“História de Amir” centra-se na vontade e persistência do personagem de ter uma vida socialmente digna, nos vários confrontos e enfrentamentos diários de racismo. Por exemplo, na empresa em que trabalhava, seu chefe imediato, Murilo, apelidava-o de “negão” e fazia ofensas racistas como descrito a seguir:

– Senhor Murilo, boa noite. Aproveitando a coincidência de encontrar o senhor por aqui, eu gostaria de... – fui interrompido pela luz forte da lanterna do celular dele. Levei a mão aos olhos e tentei entender a necessidade daquilo.
– Ah, bem melhor! Nem dava pra te ver direito nesse escuro. Achei que fosse uma viga de concreto – falou gargalhando.
– Zoeira, man! Tenho um amigo negão do clube de tiro. Quando a gente sai de noite eu falo pra ele rir um pouco pra pelo menos a gente ver os seus dentes. (Morais, 2021, p. 17)

Nessa cena é possível identificar como Amir era tratado pelos seus superiores no trabalho, o que vai se repetir em todo o enredo, algo ao qual Amir “vai se acostumando”, pois precisava do trabalho para pagar a faculdade de Engenharia e a quitinete onde morava.

Com uma vida cheia de dificuldades (era um rapaz de 23 anos, preto, gay, favelado), Amir tinha cicatrizes demais para se relacionar com alguém. Isso pelas questões de objetificação, pelo isolamento racial e por questões socioeconômicas. Ao tentar ajudar um casal a se livrar de bandidos em uma tentativa de assalto, Amir acaba sendo preso, confundido com os bandidos e indo parar na delegacia onde passou a noite algemado:

Despertei no banco de ferro de uma sala bege, cujas paredes eram feitas de divisórias com a estrutura rebaixada, mantendo um vão estreito nas laterais que traziam barulhos diversos de outros ambientes do Batalhão da Polícia Militar. Meu pescoço doía e meu braço direito também, mas este eu não podia checar melhor, pois estava algemado à armação do banco. À mesa, diante de mim não havia ninguém. (Morais, 2021, p. 33)

Dessa prisão injusta nasce o sentimento de afeto por Félix, um policial que estava de folga com a esposa e que sofrera a tentativa de assalto da qual Amir o ajudou a livrar-se dos bandidos. Félix, pelo choque, não conseguiu ajudar a Amir no momento, pois a esposa tinha sido alvejada por um tiro. Félix apaixonou-se por Amir e quis saber mais sobre sua vida. Amir sentia repulsa pelo policial pelo fato de seu irmão ter sido morto por um deles. Ele sentia que não devia corresponder aos sinais de afeto.

Foi uma relação conturbada, cheia de altos e baixos. Amir relutava contra seus desejos, mas Félix fazia questão de o instigar, pois o desejava muito, uma vez que estava em processo de separação. Isso complicava ainda mais aquela relação entre um homem branco de prestígio social, policial, e hétero e Amir, um estudante, gay e negro. Essas barreiras não duraram muito até ambos se convencerem que precisavam ficar juntos. A descrição destacada relata a primeira vez que Félix se sentindo culpado pelo ocorrido com Amir, procura-o bêbado em sua casa. Ao despertar, no dia seguinte, era possível ver que Amir também estava bem envolvido nessa relação:

Quando Félix saiu do banho, deparei-me com aquele homem grandalhão usando minha toalha enrolada na cintura. Tentei não reparar, mas não consegui. Forte e o corpo ainda molhado, foi inevitável não me sentir atraído. Era uma loucura, claro. Não apenas por ele ser policial, mas por ser um homem casado. Lembro de xingá-lo em pensamento, como se fosse errado ou se ele tivesse culpa de ser desejável. Eu é que estava errado de permitir que se abrisse uma brecha de vontade que ia se acentuando ao cheiro do sabonete que seu corpo exalava. (Moraes, 2021, p. 60)

Entre tantas idas e vindas, Amir relutava por não se deixar viver o amor entre eles, que se afastaram por um tempo, mas não muito. O desejo de Amir por Félix e os fetiches que vinham a sua cabeça o convenceram de que Félix era o homem que ele queria:

Eu estava pronto para aceitar que as pessoas não eram iguais e que nem todas querem nos ferir. Muito além de aceitar, eu estava preparado para receber a recompensa por ceder. Era mais que fazer amor, era um prazeroso momento de permissividade. Não haveria outra definição sobre aquela noite em que Félix, sutilmente, ia entrando em meu corpo enquanto me beijava ofegante. Entrando e entrando espaços para permanecer em mim. Eu estava preenchido dele de todas as maneiras que era possível sentir. (Moraes, 2021, p. 82)

Quando decidiram morar juntos, Félix mudou-se para a quitinete de Amir. Viveram dias felizes até a então esposa de Félix aparecer e desmoronar o castelo de

amor entre os dois. Mais uma vez se vê a história do homem gay que acredita no sonho de amar e acaba sendo ferido, sendo obrigado a se contentar com as brevidades da vida. Amir, sentindo-se usado e sozinho, martirizava-se: “Assim, eu estava sozinho naquele velho e pequeno apartamento outra vez. Tudo voltaria a ser exatamente como era antes de eu acreditar que eu havia me tornado uma pessoa de sorte. Era bem mais simples quando eu aceitava que nada é uma questão de sorte” (Morais, 2021, p. 104).

É possível observar que em ambas as narrativas existe um fato gerador de conflitos na vida do homem gay que se propõe a amar outro homem: uma mulher. A figura feminina presente nas duas narrativas busca sempre invalidar o amor homossexual, na tentativa de “salvação”, de “conversão”, de solução, de dizer que o amor não é possível para homens que apenas amam outros homens. Obviamente, compreendemos que a inserção de uma personagem feminina no contexto das histórias é uma construção discursiva, para dar ação ao enredo, mas também demonstra o conservadorismo social dos ambientes em que vivemos e que priorizam e valorizam as relações heteronormativas.

No caso de Amir, essa figura feminina não logra êxito, uma vez que Félix abandona o casamento hétero para viver ao lado de Amir, pessoa por quem ele nutre sentimentos amorosos e é correspondido: “– Mas vai ter que arranjar melhor sua agenda, porque vai precisar de tempo para projetar algo importante. – O quê? – perguntei. – Uma casa pra gente!” (Morais, 2021, p. 126).

Esse desfecho do enredo de “História de Amir” não se dá de maneira simples, mas após vários enfrentamentos de rejeição, aceitação e sofrimento de um homem preto, favelado e pobre. Todo o cenário para essa história estava condenado ao sofrimento e à solidão da qual a literatura “canônica” brasileira sempre reverberou quando trouxe à luz protagonistas negros.

Essa obra reverbera que o viés narrativo na literatura contemporânea tem dado visibilidade a vozes dantes silenciadas e colocadas em papéis coadjuvantes, como antagonistas violentos, gays animalizados etc. Aqui sintetizamos uma narrativa onde o protagonista é um homem negro que encontra seu par romântico, embora haja muitas controvérsias, mas se concretiza o amor entre homens negros em um cenário que os relegava ao isolamento e à solidão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou compreender como o homem negro gay é colocado no discurso literário brasileiro, tendo em vista que a historiografia literária sempre apresentou a figura do homem negro, mas não como protagonista relevante na memória literária nacional. Também, tentamos problematizar como o romance contemporâneo tem abordado temas interseccionais que ainda são tabus na sociedade brasileira, mesmo com todos os avanços já conquistados pelos movimentos LGBTQIA+.

As duas narrativas aqui analisadas colocam o negro como protagonista, personagens gays e negros que vão rompendo barreiras até se encontrarem na vida e no amor. “Bom-Crioulo”, romance naturalista, apresenta um personagem negro que protagoniza uma narrativa de falta de afetos, que se volta muito para o cenário de violência, da zoomorfização dos corpos negros e de uma vida de martírios e fracassos amorosos.

Neste caminho, a zoomorfização dos sujeitos não está imposta somente aos negros, mas “Os sujeitos que mais são animalizados e desumanizados são as pessoas não masculinas, não cisgêneros, não brancos, pobres e vulneráveis sociais e simbolicamente, entre outros grupos” (Rodrigues, 2024, p. 135), como visto no romance “Bom-Crioulo”.

Ainda, em “História de Amir”, o enredo é bem mais contemporâneo, envolvendo uma temática racial, de classe e de gênero mais atual. A obra apresenta um homem negro gay, favelado e pobre, vivendo em um cenário que impossibilita uma vida digna e amorosa. Mesmo com tantas dificuldades, Amir rompe as complexas situações de suas condições sociais e encontra um amor complicado e intenso, mas que, aos poucos, vai se configurando em um amor feliz.

Vale lembrar que a violência herdada de um pensamento colonial (Rodrigues, 2024) persiste e se atualiza cotidianamente, como vemos nos romances mencionados. Isso por meio da manutenção de estruturas de opressão que historicamente desumanizam o corpo negro (seja este masculino ou feminino). Embora separados por mais de um século, “Bom-Crioulo” (1895) e “História de Amir” (2021) revelam que os mecanismos de subjugação denunciados por Frantz Fanon continuam operando na atualidade por meio: da objetivação dos corpos negros (via erotização e hipersexualização), das violências (psicológica, física e da solidão afetiva),

do silenciamento social (sempre na luta por representatividade) e na interseccionalidade de opressões (complexificada na intersecção entre raça, gênero e sexualidade).

Portanto, ser homem gay e preto no Brasil ainda se revela com uma infinidade de “nãos” na vida amorosa, na vida socioeconômica e na vida política. Desse modo, é possível observar que a literatura, mesmo que morosamente, vem rompendo cenários estereotipados antes cristalizados com histórias de “escrevivências” de homens e mulheres pretas na atualidade, abrindo portas para que mais escritores negros e gays construam seus personagens interseccionais e tematizem narrativas que reverberem não somente a vida cotidiana, mas também as dores e finais felizes de homens negros e gays nos romances brasileiros.

Referências

BOLA, JJ. Seja **homem**: a masculinidade desmascarada. Trad. Rafael Spuldar. 2.ed. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena kuhner. 23^a ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 2.ed. São Paulo: Martins Claret, 2013. Primeira edição de 1895.

DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 3. Brasília, janeiro/julho, 2008.p. 87-110.

EVARISTO, Conceição. Destaque Conceição Evaristo. **Revista Conexão Literatura**, p. 5-10, nº 24, junho – 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira, - Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidades. Trad. Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

MORAIS, Paulo Sérgio. **História de Amir**. 1. Ed. São Paulo: ed. Do Autor, 2021.

OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de. **O racismo manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre homens gays**. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena/PPGSPNI (Dissertação de mestrado).2022.

RODRIGUES, Wallace. A “Ladeira da Preguiça” e o estereótipo histórico da preguiça dos negros. In: **Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder**, realizado entre 23 e 25 de setembro de 2014, UFG/Jataí, ISSN: 2178-1281, p. 1-11, 2014.

RODRIGUES, Wallace. Notas sobre os mecanismos de desumanização dos oprimidos. **Revista Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**. Unigranrio, Duque de Caxias, v. 12, n.1, p. 126-139, 2024.

SOUZA, Florentina. Gênero e “raça” na literatura brasileira. **Revista de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 32. Brasília: UNB, julho/dezembro 2008.p.103-112.

Submetido: 25/03/2025

Aceito: 28/05/2026

